

## **A aventura do pensamento de Antonio Barros de Castro**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Rumos*, 35 (260), Novembro/Dezembro 2011: 14-15.

Geralmente opomos os economistas que pensam o sistema econômico em termos de mercado aos que buscam entendê-lo em termos das políticas econômicas e de plano. Esta é uma dicotomia equivocada, porque não há teoria econômica, digna desse nome, que deixe de ter o mercado como referência central, mas pobre da teoria que supõe que os mercados são autorregulados, não necessitando ser permanentemente corrigidos pelas políticas. Antonio Barros de Castro sabia bem disso, mas ao invés de resolver o problema através de um meio termo pouco criativo, encontrou um terceiro caminho inovador: o caminho da estratégia. Com sua enorme capacidade analítica, Castro olhava a economia de um ponto de vista estratégico, porque os seus atores prediletos – os formuladores de políticas econômicas – pensam e agem estrategicamente.

Conheci Castro no início dos anos 1960, e como tínhamos uma paixão comum – o desenvolvimento brasileiro – e havíamos aprendido nossa economia com os grandes economistas estruturalistas do desenvolvimento entre os quais estava Celso Furtado, nos tornamos amigos. Mas eu logo tratei de associar o estruturalismo do lado da oferta de Marx, Ragnar Nurkse e Raúl Prebisch com a teoria econômica do lado da demanda de Keynes e Kalecki, enquanto que Castro conservou sempre seu interesse maior pela organização da produção, pelo progresso tecnológico, e pela controvérsia sobre a natureza e mensurabilidade do capital (*O Capitalismo Não é Mais Aquele*, 1979).

O que era fascinante em Castro era ver como ele pensava. Eu costumo dizer que o pensamento é a coisa que os homens mais economizam no mundo. Por isso recorrem tanto a fórmulas prontas, a clichês, a rotinas, e a modelos matemáticos *prêt-à-porter*. Castro não economizava pensamento. Ele não tinha medo dos custos e riscos daqueles que se aventuram a pensar. Ao invés disso, ele se dedicava ao pensamento, com carinho, com cuidado, sem pressa. Ele partia de algum problema que lhe chamava a atenção, e então se punha a pensar – a fazer deduções e submeter tudo à crítica. Seu objetivo era compreender as estratégias envolvidas: as estratégias dos agentes econômicos, as dos formuladores de política econômica, e a sua.

Nos *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira* (1969) que o lançaram como economista de primeira grandeza este método já está presente. Mas neles faltou o 7º ensaio. Ele planejado escrevê-lo sobre o novo modelo de crescimento concentrador de renda que estava se definindo no quadro das elevadíssimas taxas de crescimento alcançadas pelo Brasil a partir de 1968. Coube a mim referir a esse ensaio projetado depois de ter assistido a uma conferência sua na PUC de São Paulo nesse mesmo ano. Em meu artigo “Dividir ou multiplicar? A distribuição da renda e a recuperação da economia brasileira”(1970), eu mostrei, a partir de uma pesquisa que havia sido realizada no ano anterior nas principais capitais dos estados brasileiros, como a concentração da renda da classe média para cima estava então criando mercado para os bens de luxo produzidos pelas empresas multinacionais no Brasil, em particular pela indústria automobilística, e, dessa forma, compatibilizando perversamente o aumento da

desigualdade com o “milagre” econômico que estava então em curso, caracterizado por taxas de crescimento superiores a 10%.

O pensamento voltou a se manifestar quando Castro escreveu com Francisco Eduardo Pires de Souza seu instigante *A Economia Brasileira em Marcha Forçada* (1985) – livro publicado em um momento de grande euforia nacional como foi o da transição democrática. A previsão contida no título do livro não se materializou porque seus autores subestimaram o desequilíbrio macroeconômico em que estava então mergulhada a economia brasileira, mas eles estavam certos quando assinalavam a mudança da estrutura econômica do Brasil causada pelos grandes investimentos na infraestrutura e na indústria de base nos anos 1970. Sua capacidade de pensar esteve sempre presente em seus trabalhos sobre política industrial, e nas políticas que ajudou a formular como presidente ou como assessor do BNDES. Para ele a política industrial devia ser *taylor made*, devia variar de acordo com o momento, o setor e a empresa.

E seu pensamento voltou a brilhar pela última vez depois que visitou a China e ficou tão fascinado senão estupefato com o que viu. Em uma viravolta em relação às políticas que sempre adotara, supõe então possível para o Brasil se integrar no desenvolvimento desse país pelo lado da exportação de commodities, ao invés de tentar competir com a China na indústria. Enquanto, nos disse ele em uma entrevista à *Folha* (2010), antes da China o problema dos países em desenvolvimento era se industrializar, agora, “com a ascensão do leste asiático, capitaneada pela China, isso virou de pernas para o ar; países mais atrasados compram manufaturados baratos e exportam matérias-primas cada vez mais caras”. Sua conclusão era tão arriscada quanto merecedora de atenção; pela última vez esse notável intelectual que foi Antonio Barros de Castro pensava o novo e pensava o Brasil com coragem e amor por seu país.

## Referências

- Bresser-Pereira, Luiz Carlos (1970) "Dividir ou multiplicar? A distribuição da renda e a recuperação da economia brasileira", *Visão*, 21 de novembro 1970. Disponível em [www.bresserpereira.org.br](http://www.bresserpereira.org.br). Republicado em Bresser-Pereira desde a terceira edição de *Desenvolvimento e Crise no Brasil* (1972); quinta edição, São Paulo: Editora 34, 2003: 168-178.
- Castro, Antonio Barros de (1969) *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*, Rio de Janeiro: Forense.
- Castro, Antonio Barros de (1979) *O Capitalismo Não é Mais Aquele*, Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Castro, Antonio Barros de (2008) "From semi-stagnation to growth in a sino-centric market", *Revista de Economia Política* 28 (1) janeiro: 3-27
- Castro, Antonio Barros de (2010) "Brasil tem de se reinventar para tratar com a China". Entrevista concedida a Claudia Antunes, *Folha de S. Paulo*, 11 de abril de 2011
- Castro, Antonio Barros e Francisco Eduardo Pires de Souza (1985), *A Economia Brasileira em Marcha Forçada*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.